

• DAVID ARNOLD •

Bestseller do New York Times

VIVERAM, RIRAM E VIRAM QUE ERA BOM

Não havia qualquer hipótese
de ela me ver como eu a via.
O mais certo era que ela
me visse como eu me via.

«Engraçado, doce, de cortar o coração.»
Entertainment Weekly

TOP
SEL
LER

Lista de Personagens

* * *

Os Miúdos de Appetite

BRUNO VICTOR BENUCCI III, 16 anos (VIC): Capítulo Atual.
Ópera, Matisse, Mad. Super Cavalo de Corrida.

MADLINE FALCO, 17 anos (MAD): corte de cabelo estilo
punk, Elliott Smith, diagramas de Venn, genuinidade.
Querida do Ano Novo.

MBEMBA BAHIZIRE KABONGO, 27 anos (BAZ): colecionador
de histórias e de tatuagens. Anti-pão. Deus seja louvado.

NZUZI KABONGO, 20 anos (ZUZ): irmão mais novo de Baz.
Jigas & Journey & estalidos. Fala de maneiras diferentes.

COCO BLYTHE, 11 anos: compositora. Ruiva. Gelado & Queens
& palavrões disfarçados. Fosga-se.

A Polícia de Hackensack

SARGENTO S. MENDES: viciada em café. Namorada relutante.
Inteligente & cansada. É mais do que aparenta ser.

DETETIVE H. BUNDLE: cogumelo atômico. Papelada & formulá-
rios. Membro orgulhoso da burguesia abastada.

DETETIVE RONALD: Weasley¹ de imitação. Namorado apaixonado.
Talento para estar sentado. Caniche abandonado.

A Família, etc.

DORIS JACOBY BENUCCI: mãe de Vic. Viúva. Fazer bolos
& família & seguir em frente. A dar o seu melhor.

BRUNO VICTOR BENUCCI JR.: pai de Vic. Pensa com o coração.
Fã dos Mets. Usa calças de fato de treino. Falecido.

¹ Personagens da saga *Harry Potter*. [N. da. T.]

O HOMEM DO AUTORRETRATO (TIO LESTER): tio de Mad.
Uísque & gritar & chorar. Proprietário de armas.

JAMMA: avó de Mad. Sofre de demência. Pantufas & pijamas
& *Coca-Colas* aos pares.

FRANK, O NAMORADO: advogado. Viúvo. Comedor de feijão-verde
& ignorante literário. Usa fatos completos.

KLINT & KORY: filhos de Frank. Hot Topic & Batman.
A Orquestra das Almas Perdidas. Miúdos Sem Apetite.

PADRE RAINES: padre, sábio, fazedor de boas ações.
Casou os pais de Vic. Super fã dos Iron Maiden.

RACHEL GRIMES: atual namorada de Baz. Enfermeira ousada.
Os Thunder & correr & panquecas.

Os Primeiros Capítulos

CHRISTOPHER (TOPHER): tatuador. *Battlestar Galactica*
& sobriedade & engenho. Careca.

MARGO BONAPARTE: empregada de mesa,
contrabandista, namoradeira. Palitos de queijo. Rum.
Bonjour, mes petits gourmands!

NORM: talhante russo. Incompreendido. Carne.
Porcos ensanguentados. Não é do KGB. *Nyet*.

GUNTHER MAYWOOD: eremita. Senhorio.
Proprietário do Pomar Maywood.

O Peixe-Dourado

HARRY CONNICK JR., JR.: sobrevivente. Nadador.
Entusiasta do tempo frio. Recusa-se a desistir. Mas enfim.

* * *

* * *

«Parecia-me curioso que o pôr-do-sol que ela via do seu pátio e o que eu via dos degraus das traseiras fosse exatamente o mesmo. Talvez os dois mundos em que vivíamos não fossem assim tão diferentes. Víamos o mesmo pôr-do-sol.»

OS MARGINAIS, S. E. HINTON

* * *

um

AS MULTITUDES MOMENTOSAS

(ou: Preparai-Vos, seus Tolos Fúteis)

Sala de Interrogatório #3

Bruno Victor Benucci III & sargento S. Mendes

19 de dezembro // 15h12

Atente o leitor no seguinte: mil milhões de pessoas no mundo, cada uma com mil milhões de «eu sous». Eu sou um observador discreto, um introvertido por excelência. Eu sou um amante de arte, um adepto dos Mets, um fã da memória do meu pai. Represento aproximadamente um sétimo milésimo milionésimo da população; estas são as minhas multitudes momentosas, e isto é só para começar.

— Começa com os meus amigos.

— O que é que começa?

— A minha história — respondo eu.

Só que não é bem assim. Tenho de ir um pouco mais atrás no tempo, antes de sermos amigos, quando ainda era apenas...

...

OK, já sei.

— Apaixonei-me, à vontade, umas mil vezes.

A Mendes esboça um leve sorriso e empurra o gravador digital para mais perto.

— Peço desculpa, disseste... que te apaixonaste?

— Mil vezes — replico, passando as mãos pelo cabelo.

Dantes pensava que o amor se regia por números: primeiros beijos, segundas danças, desgostos infinitos. Estava convencido de que os números duravam mais tempo do que o amor em si, sobrevivendo nos recantos sombrios do coração destruído. Pensava que o amor era algo pesado e duro.

Agora já não penso essas coisas.

— Sou um Super Cavalo de Corrida.

— És um *quê*? — pergunta a Mendes, os seus olhos simultaneamente severos e fatigados.

— Nada. Onde é que estás a sua farda?

Ela tem vestida uma saia de *tweed* com um casaco justo e uma blusa leve. Observo discretamente os seus olhos castanhos, muito intensos e bonitos — não fossem os papos por baixo dos olhos e os pés de galinha que lhe emolduram o rosto, como parêntesis faciais. Observo discretamente as ténues rugas nas suas mãos e no seu pescoço, indícios de um envelhecimento precoce. Observo discretamente a ausência de uma aliança. Observo discretamente o seu cabelo escuro, pelos ombros e com um leve vestígio de forma e estilo.

Parentética, ténue, ausência, indício: ao que parece, as multitudes momentosas da Mendes encontram-se na nota de rodapé subjacente.

— Teoricamente estou de folga — responde-me ela. — Além do mais, sou sargento, portanto nem sempre tenho de usar farda.

— Quer dizer que a senhora é quem manda, é isso?

— Presto contas ao tenente Bell, mas este caso é meu, sim, se é isso que me estás a perguntar.

Alcanço a parte de baixo da minha cadeira, tiro o frasco de *Visine* do bolso da frente da minha mochila e aplico uma gota rápida em cada olho.

— Victor, estiveste desaparecido durante oito dias. Depois, esta manhã, tu e a... — ela folheia uma série de papéis até encontrar o que procura —... Madeline Falco entram por aqui adentro, praticamente de mãos dadas com o Mbemba Bahizire Kabongo, também conhecido como Baz, o principal suspeito na nossa investigação de homicídio.

— Não vinha de mãos dadas com o Baz. E ele não é assassino nenhum.

— Achas que não?

— Eu sei que não.

A Mendes esboça um sorriso de pena, o tipo de sorriso que é mais uma reprovação.

— Ele acabou de se entregar, Vic. Além disso, temos o ADN dele na arma do crime. Temos mais do que o suficiente para pôr o Kabongo atrás das grades por muito tempo. Mas gostava de que me explicasses como é que há oito dias saíste de tua casa e esta manhã apareces *aqui*. Disseste que tinhas uma história para contar. Então conta-ma.

Essa manhã ainda está bem fresca na minha mente, a voz de Baz entranhada no meu cérebro. «Desviar a atenção, Vic. Eles vão precisar de tempo. E nós temos de lhes proporcionar isso mesmo.»

— Todas as raparigas que põem rímel — digo eu.

...

...

A sargento Mendes semicerra os olhos:

— O quê?

— Todas as raparigas que tocam um instrumento; à exceção, talvez, do fagote.

— Desculpa, mas não estou a perceber...

— Todas as raparigas que usam ténis *Nike* velhos. Todas as raparigas que desenham neles. Todas as raparigas que encolhem os ombros ou que fazem bolos ou que leem. — *Fala-lhes sobre todas as raparigas que julgavas amar, as anteriores*. Sorrio por dentro, o único sítio onde consigo fazê-lo.

— Todas as raparigas que andam de bicicleta.

Saco do meu lenço e limpo a baba do canto da boca. O meu pai dizia que era a minha caneca furada¹. Eu costumava detestar isso. Agora sinto falta.

Às vezes sim, acho que sinto mesmo mais falta das coisas que costumava detestar.

A Mendes recosta-se na sua cadeira.

— Pouco depois de te teres ido embora, a tua mãe deu-te como desaparecido. Estive no teu quarto, Vic. É só Whitman e Salinger e Matisse. És inteligente. E também um bocado *nerd*, se mo permites.

— Aonde é que quer chegar?

— Aonde quero chegar é que não és nenhum rufia. Porque é que te estás a comportar como tal?

¹ No original, «*leaky mug*». Aqui a palavra «*mug*» tem um duplo sentido, sendo que tanto pode significar «caneca» como é calão para «rosto» («tromba», «fronha»). [N. da T.]

Por baixo da mesa de metal, remexo no tecido da minha pulseira MDA.

— «Sou vasto; contenho multitudes.»

A Mendes pega na deixa:

— «Concentro-me nos que estão para chegar, espero à porta. Quem já terminou o dia de trabalho? Quem será o primeiro a jantar? Quem deseja passear comigo?»

...

Tento disfarçar a minha surpresa, mas não sei se os meus olhos não me terão denunciado.

— O Whitman fez-me companhia durante as aulas de justiça criminal — diz-me a Mendes. — Sabes o que vem a seguir, não sabes?

Não sei. Pelo que não digo nada.

— «Falarás antes de eu partir?» — declama ela em surdina. — «Ou virás tarde demais?»

...

— Com todo o respeito, Sra. Mendes, você não me conhece.

Ela torna a olhar para a pasta que tem à sua frente.

— Bruno Victor Benucci III, 16 anos, filho de Doris Jacoby Benucci e de Bruno Benucci Jr., falecido há dois anos. Filho único. 1 metro e 70 de altura. Cabelo escuro. Sofre da rara síndrome de Moebius. Obsessão pela arte abstrata...

— Sabe o que isso é?

— Oh, acredita que já tive a minha dose de trifulhas obcecados pelo Picasso, e olha que não é brincadeira nenhuma.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei. — a Mendes fecha a pasta. — E sim, fiz alguma pesquisa. O Moebius é uma doença neurológica rara de nascença que afeta o sexto e o sétimo nervos cranianos e que provoca paralisia facial. Compreendo que tenha sido complicado para ti.

O tom de voz da Mendes sugere uma certa autossatisfação, como se tivesse aquela definição guardada à espera de que lhe perguntasse se sabia o que se passava com a minha cara. Vivi sempre com a síndrome de Moebius, e eis o que aprendi até aqui: as únicas pessoas arrogantes o suficiente para empregarem as palavras «eu compreendo» são as que não compreendem de todo. As pessoas que compreendem realmente nunca dizem grande coisa.

— Fez alguma pesquisa — respondo-lhe, quase num sussurro.

— Um pouco, sim.

— Portanto sabe qual é a sensação de lhe enfiarem areia para trás das pálpebras.

...

— Como?

— É essa a sensação, às vezes, de não conseguir pestanejar — explico-lhe. — «Olhos secos» é dizer pouco. Eu diria antes «olhos desérticos».

— Vic...

— Na sua pesquisa, encontrou alguma coisa sobre os terrores noturnos associados a dormir com os olhos semicerrados? Ou sobre como beber de uma caneca consegue ser tão difícil como tentar enlaçar a lua? Ou sobre como já me dou por satisfeito se os miúdos me deixarem em paz? Ou sobre como certos professores falam comigo mais devagar, porque partem do princípio de que sou burro?

A Mendes mexe-se na cadeira, claramente pouco à vontade.

— Não me interprete mal — digo-lhe. — Não me estou a queixar. Há muitas pessoas com Moebius que estão bem pior do que eu. Costumava desejar ser outra pessoa, mas depois...

Mas depois o meu pai mostrou-me Henri Matisse, um artista que acreditava em que cada rosto tinha o seu próprio ritmo. Matisse pretendia alcançar nos seus retratos o que ele apelidava de «assimetria específica». Isso agradou-me. Interroguei-me sobre o ritmo do meu próprio rosto e sobre a minha assimetria específica. Falei disso ao meu pai, certa vez. Respondeu-me que havia beleza na minha assimetria. Isso fez-me sentir melhor. Não deixei de me sentir sozinho, mas sentia-me menos sozinho.

Tinha a companhia da arte, pelo menos.

— Mas depois...? — diz a Mendes.

Quase me esquecera de que tinha começado uma frase.

— Nada.

— Vic, eu sei que não tens tido uma vida fácil.

Aponto os dois indicadores para o meu rosto impassível:

— Refere-se ao meu... «problema»?

— Eu nunca empreguei a palavra «problema».

— Ah, certo. «Sofre de». Você no fundo é uma humanitária.

Por baixo da pulseira MDA, sinto os meus minúsculos trilhos, que conduzem a lado nenhum. Os meus dedos sempre possuíram uma fúria imensa, arranhando e raspando e beliscando. A pulseira é um lembrete

eficaz, mas em nada se compara aos meus dedos, com os seus minúsculos cérebros de dedos, decididos a testar a minha tolerância à dor.

Pergunto-lhe:

— Nunca ouviu dizer que uma pessoa tem de passar por grandes tormentos até se tornar aquilo que está destinada a ser?

A Mendes bebe um trago do seu café e acena com a cabeça.

— Claro.

— Sempre quis ser forte, Sra. Mendes. Só gostava de que houvesse menos tormentos.

...

— Victor. — Não é mais do que um sussurro, é praticamente inaudível. A Mendes inclina-se para mim, toda a sua presença passando da defensiva à ofensiva. — Vic, olha para mim.

Não sou capaz.

— Olha para mim — repete ela.

Obedeço-lhe.

— Foi o Baz Kabongo que te convenceu a isto? — Ela acena lentamente com a cabeça. — Podes dizer-me. Foi ele, não foi?

Nada, ainda.

— Vou dizer-te o que acho que aconteceu — diz ela. — O Kabongo fica nervoso, vê a cara dele espalhada por toda a cidade e decide que não pode continuar a esconder-se. Convence-te e à tua namorada a mentirem-nos, a dizerem-nos que estiveram em sítios onde não estiveram, a horas a que não estiveram, com pessoas com quem não estiveram. Sabe que a única saída dele é ter um álibi ou uma testemunha ocular que nos diga que o culpado é outro. E quem melhor do que dois miúdos inocentes? Quente ou frio?

Não lhe respondo. Sou um ás na arte do não-verbal, e cada minuto que passa é uma vitória, por muito pequena que seja.

— Sou uma excelente profissional — continua ela — e, embora não saiba onde é que *estavas* na noite de 17 de dezembro, sei onde é que *não estavas*. Não estavas naquela casa. Não viste aquela poça de sangue. Não viste os olhos daquele homem a apagarem-se, Victor. E sabes como é que sei? Se tivesses visto tudo isso, não estarias agora aqui, sentado nessa cadeira, a gozar com a minha cara. Estarias todo borradinho, essa é que é essa. Estarias apavorado com à merda.

...

...

Aqueles cérebros de dedos são umas criaturas implacáveis, devorando as minhas multitudes.

— O Kabongo está a contar que mintas por ele, Vic. Mas sabes do que é que se esqueceu? Esqueceu-se do Matisse. Esqueceu-se do Whitman. Esqueceu-se da arte. E sabes o que é que toda a boa arte tem em comum, não sabes? A honestidade. É o lado de ti que sabe o que é o quê. E é precisamente esse lado que me vai contar a verdade.

Conto até dez na minha cabeça, onde a voz do Baz ecoa repetidamente qual disco riscado. *Deixa-os pensarem o que quiserem. Mas não mintas.*

— Nós protegemos-te — diz-me a Mendes. — Não precisas de ter medo. Diz-me só o que é que aconteceu.

Desviar a atenção, Vic. Eles vão precisar de tempo. E nós temos de lhes proporcionar isso mesmo.

...

...

Inclino-me para o gravador digital e aclaro a garganta:

— Todas as raparigas que bebem chá.

A Mendes fecha calmamente a pasta:

— Muito bem, é tudo.

— Todas as raparigas que comem *scones* de framboesa.

Ela arrasta a cadeira para trás, põe-se de pé com um ar perentório e depois fala em voz alta e clara.

— A entrevista entre Bruno Victor Benucci III e a sargento Sarah Mendes terminou às 15h28. — Em seguida, prime o «Stop», pega no café e na pasta e dirige-se para a porta. — A tua mãe deve estar a chegar para te vir buscar. Entretanto, se te apetecer, há café ao fundo do corredor. — Abana a cabeça, abre a porta e resmunga. — Merda para os *scones* de framboesa...

A Sala de Interrogatório Número 3 da Esquadra da Polícia de Hackensack dissolve-se e dá lugar à Estufa 11 do Pomar Maywood. Imagino: o Baz Kabongo, com os seus instintos levemente paternalistas e o braço cheio de tatuagens; a audaciosa Coco, leal até ao fim; o Zuz Kabongo, rabugento, a dançar; e imagino a Mad. Recordo esse momento, o *meu* momento de clareza assoladora, quando as nuvens se afastaram e vi tudo como se nunca tivesse visto nada. A verdade é que não sabia o que era o amor até o ter visto sentado no interior de uma estufa, desdobrando-se qual mapa perante o meu olhar, revelando os seus inúmeros territórios por explorar.

Ao mesmo tempo que a sargento Mendes abre a porta para se ir embora, retiro a mão de debaixo da mesa, ergo-a até a pulseira ficar ao nível dos meus olhos e admiro aquelas três letras maiúsculas, brancas no fundo preto do tecido: MDA.

O Walt Whitman tinha razão. Nós contemos realmente multitudes. A maior parte delas são duras e pesadas, umas autênticas dores de cabeça. Mas algumas das multitudes são maravilhosas.

Como esta...

Eu sou um Miúdo de Appetite.

— Eu estava *mesmo* naquela casa, Sra. Mendes. — Concentro-me no «M», no «D» e no «A», brancos como a neve, ao mesmo tempo que a silhueta desfocada da Mendes se detém na entrada da porta. Ela não se vira para trás.

— Eu estava lá — repito. — E vi os olhos deles apagarem-se.

(OITO DIAS ANTES)

VIC

The Flower Duet chegou ao fim.

The Flower Duet começou mais uma vez.

A magia da repetição.

Eu sentia a falta do meu pai. Como tal, encontrava-me parado na beira do pontão. Era a coisa a fazer quando sentia a falta do meu pai daquela maneira.

Ja muitas vezes para a beira do pontão.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, o colarinho do casaco revirado contra o frio de Jersey (que mordida qual dragão irado, com dentes compridos e gelados), deixei o meu cabelo sacudir ao vento. Não me importava que ficasse despenteado. Nem um bocadinho.

O cabelo não era momentoso.

Duas coisas que eram momentosas:

1. Aquela canção, a *The Flower Duet*. Tinha sido a favorita do meu pai. Agora era a minha.
2. Aquele submarino inativo, o USS *Ling*. Outrora uma embarca-

ção grandiosa e robusta, fora enterrado no rio Hackensack muito antes de eu ter nascido. O *Ling* fazia-me lembrar o seguinte: um cavalo de corrida reformado numa dessas quintas de reprodução, onde a única coisa que fazem é procriar com outros cavalos de corrida, na esperança de que os melhores atributos genéticos prevaleçam e produzam um Super Cavalo de Corrida. (Uma vez o meu pai levou-me com visita guiada a um desses sítios; quando o nosso guia começou a falar sobre «simuladores de procriação» e os vários métodos de inseminação artificial, decidi que seria melhor esperar no carro.)

Infelizmente, não havia outros submarinos no rio com os quais o *Ling* pudesse procriar.

Ergo, não haveria sexo submarino.

Ergo, nada de Super Submarino.

Essa zona da margem do rio fora delimitada como um museu oficial da marinha, com visitas guiadas e afins. Abria somente aos sábados e domingos, o que significava que durante a semana tinha o sítio todo para mim. Na maior parte dos dias, parava lá no caminho de regresso da escola, o que me levava a questionar qual seria o aspeto do USS *Ling* à noite. Não sabia precisar o que me atraía nele. Talvez fosse o facto de que a vida do submarino tivesse chegado ao fim e, ainda assim, ele ali estivesse. Sentia uma certa afinidade com ele.

O meu telemóvel vibrou dentro do bolso. Tirei-o e deslizei o dedo no ecrã para ler a mensagem da minha mãe.

Olá. Pds passar no babushka e cmpr presunto? Pf? :) :)

As palavras abreviadas davam cabo de mim. A minha mãe tinha ainda um telemóvel antigo, com tampa, daqueles em que cada tecla tinha de ser premida cerca de uma dúzia de vezes até chegar à letra pretendida. Em mais do que uma ocasião, eu tentara mostrar-lhe os benefícios do milagroso teclado QWERTY. Era muito complicado para ela.

Respondi-lhe o seguinte:

Será para mim uma honra e um privilégio, querida mãe, neste belo serão, fazer face ao teu pedido de carne veneziana curada a sal.

Regressarei logo que possa, o mais brevemente possível. De teu filho, sempre dedicado, Victor. ☺☺☺

Um segundo depois ela respondeu-me:

Obg, amr

...

Obg, amr.

Tornei a enfiar o telemóvel no bolso e olhei para o *Ling*. Não há muito tempo, a minha mãe teria alinhado na brincadeira, com uma resposta pronta para a minha mensagem armada aos cágados.

Agora, as coisas eram diferentes.

...

...

The Flower Duet chegou ao avassalador refrão nos meus ouvidos, ao mesmo tempo que o vento me fustigava o cabelo. Eu não gostava particularmente de ópera; gostava daquela ópera em particular. Imaginei as duas mulheres, as sopranos em crescendo, a partirem a louça toda. Não estavam a cantar; estavam a *voar*. Uma vez, o meu pai disse-me que a razão por que algumas pessoas não gostavam de ópera era que ouviam com o cérebro em vez de ouvirem com o coração. Disse que o cérebro da maioria das pessoas era muito limitado, ao passo que o coração ia logo direito ao assunto. «Pensa com o coração, V», dizia-me ele. «É onde mora a música.» O meu pai dizia esse tipo de tretas a toda a hora, porque era uma pessoa que gostava de viver no momento. Pensava genuinamente com o coração.

Já não restam muitos como nós.

Pontapeei uma pedra próxima, fazendo pontaria para o canhão de convés no lado oposto do submarino, falhando por completo. Falei com o meu pai em voz alta, sabendo perfeitamente que ele não me conseguiria ouvir. Eu próprio também não me conseguia ouvir, com os auscultadores a bradarem, as sopranos em crescendo, mas era uma sensação agradável, dizer coisas sem as ouvir. Era agradável saber que as minhas palavras ficavam algures no éter.

Pontapeei mais uma pedra. Em cheio. Acertou no canhão de convés e foi cair na água escura do rio. Sorri por dentro, imaginando a pedra a

afundar-se até à base do leito, onde passaria a existir para sempre, sem que nunca alguém o soubesse.

Modorrenta. Tal como o *Ling*. Como a minha voz no éter.

Como eu.

Deixei o pontão, atravessei a River Street, um pé atrás do outro, desfrutando da solidão da caminhada até ao talho Babushka's. Estava frio na rua, o tipo de frio que se vê, em que o fôlego desabrocha qual nenúfar flutuante diante o nosso rosto. O tipo de frio em que é impossível distinguir se está nublado ou se o céu inteiro está da cor das nuvens. O frio proferia frases, e eis o que dizia: «Vem aí neve, malta. Preparem-se, seus tolos fúteis.»

The Flower Duet chegou ao fim.

The Flower Duet começou mais uma vez.

A magia da repetição.

Meu Deus, sentia tanto a falta do meu pai.

* * *

Debrucei-me sobre a vitrina, tentando lembrar-me da diferença entre *pancetta* e presunto. Não que importasse. A lasanha Benucci tinha de levar presunto. Nada mais era aceitável.

— Tu és rapaz pequeno, zerto?

Olhei à minha volta, interrogando-me se o talhante estaria a falar comigo. A única pessoa na loja além de mim era um adolescente corpulento vestido da cabeça aos pés com parafernália dos New York Jets: boné, cachecol, luvas e casaco. Estava sentado a uma pequena mesa no canto, com uma *Coca-Cola* e uma sandes à sua frente, fitando-me com uma expressão de óbvia confusão, curiosidade e repulsa.

Eu estava mais do que familiarizado com aquela expressão.

— *Tu* — disse o talhante detrás do balcão, apontando um dedo rechonchudo para mim. — Tu és rapaz pequeno. Zerto?

— Acho que sim... Hum... Sou talvez um pouco pequeno para a minha idade.

— O quê? Fala mais alto!

Atrás de mim, o fã dos Jets deu uma risada. Puxei o cabelo para trás das orelhas e tentei uma resposta mais curta desta vez.

— Sim. Sou rapaz pequeno.

Sou rapaz pequeno.

O talhante, cuja chapa de identificação dizia «Norm», voltou a atenção para a carne em cima da sua tábua de cortar.

— Muito bem. Rapazes pequenos precisam de carne. Fortalecer ossos. Ficar grandes e fortes. — Esboçou um sorriso, fletindo um bíceps. — Como eu! Ah!

Nunca sabia o que dizer àquele tipo. No mínimo metade leão, Norm era quase de certeza russo e tinha cabelo a crescer-lhe em sítios diabólicos e em quantidades diabólicas. Era gordo, sim, mas não era só isso. Tratava-se do *tipo* de gordura — compacta, volumosa, carnuda —, que traía um homem que gostava de comer a sua própria mercadoria. A teoria que circulava era que Norm era um ex-agente do KGB a viver anonimamente em Jersey Norte, aguardando por um novo regime soviético.

...

Uma pequena campainha soou quando a porta da frente se abriu, e lá entraram eles.

Os quatro. Sempre juntos.

Já tinha visto aqueles miúdos pela cidade uma meia dúzia de vezes. Hackensack não era propriamente uma metrópole em expansão — havia um número limitado de sítios aonde as pessoas podiam ir sem se depararem com rostos familiares. Regra geral, era meramente fortuito, mais *déjà vu* do que propriamente destino.

— Olá, Norm — disse o rapaz mais velho. Eu tinha ouvido os outros tratarem-no por Baz. Com cerca de 25 anos, o Baz era muito musculoso e media 1 metro e 80 e qualquer coisa no mínimo. Usava camisolas com manga cava, revelando uma grande quantidade de tatuagens a todo o comprimento do braço esquerdo, uma combinação que desafiava mais do que a sociedade: era um desafio à meteorologia que se fazia sentir. Falava com uma leve pronúncia de origem desconhecida e usava sempre um boné dos Trenton Thunder.

— Zerto, senhor Baz — retorquiu o Norm, os olhos iluminando-se enquanto limpava as patas ensanguentadas no avental. — Estava aqui a pensar que talvez ainda o visse hoje. Dê-me um minuto. Volto já. — O Norm desapareceu para a sala das traseiras e eu afastei-me para o lado, penteando novamente o cabelo para trás das orelhas, sentindo-me efetivamente um rapaz pequeno.

Por razões não totalmente claras, Norm transformava-se num autêntico Super Cavalo de Corrida na presença daqueles miúdos. Até o fã dos

Jets, que um minuto antes não tirava os olhos da minha cara, estava a mastigar o mesmo pedaço de sandes desde que o grupo entrara na loja. Os miúdos tinham um ar de entusiasmo estouvado, como se a qualquer instante fossem largar tudo e sair a correr. Por pura diversão, porque lhes apetecia, porque sim.

— Ó puto, estás a olhar para onde, foga-se?

O elemento mais pequeno do grupo, uma rapariga que não passava dos 10 ou 11 anos, cabelo ruivo encaracolado e sardas, usava um casaco demasiado grande e luvas sem dedos desirmanadas. Costumava andar de mão dada com o Baz.

— Coco — disse o Baz. — Maneiras. — Lançou-me um breve sorriso, depois virou-se e sussurrou algo para um terceiro miúdo, que o escutou, abanou a cabeça de imediato e estalou os dedos duas vezes. Na casa dos 20 e poucos anos, os braços daquele miúdo eram demasiado compridos para as mangas da sua camisola dos Journey, pelo que se via pelo menos uns 10 centímetros de pele acima dos punhos.

O último elemento do grupo era uma rapariga com olhos cinzentos que envergava um casaco justo azul-turquesa, com as riscas do arco-íris na parte da frente, e um gorro de lã amarelo; o seu cabelo era comprido e tão louro que não se percebia onde terminava o chapéu e começava o cabelo. O amarelo, o arco-íris, o cinzento — toda ela era uma explosão de cor, um Matisse desvairado. Encontrava-se parada atrás dos outros miúdos, a cabeça enfiada num livro como se os livros tivessem sido criados somente para serem lidos por ela num talho. Ela era uma autêntica Beleza Estoica.

Tratava-se da enésima vez que via aqueles miúdos, mas nem por isso estava mais imune aos encantos da rapariga do que da primeira vez em que a vira. *Pancetta*, presunto, *a porcaria de um naco de fiambre*, eu queria lá saber. Estar perto daqueles miúdos incutia em mim um entusiasmo elementar: uma combinação de deslumbramento e temor.

— OK, sabes que mais? — disse a pequena ruiva, largando a mão do Baz e cruzando os braços sobre o peito. — Tens um problema sério, sempre a olhar fixamente para as pessoas, miúdo. Já alguém te disse isso? Nós é que devíamos estar a olhar fixamente para *ti*.

— Coco! — exclamou o Baz.

Deixei o cabelo pender-me para o rosto e virei-me novamente para a vitrina das várias carnes fumadas. Estava acostumado àquele tipo de

comentários, em especial por parte de miúdos mais novos. Mas estar habituado a algo não é sinónimo de lhe ser imune.

O Norm regressou das traseiras com um volumoso saco de papel castanho. Passou-o por cima do balcão para as mãos do Baz, que sorriu, agradeceu e depois deu meia-volta e conduziu os miúdos para fora da loja, os quatro saindo ao mesmo tempo.

— Muito bem — disse o Norm, virando-se novamente para mim. — O que é que vai zer, rapaz pequeno?

Através da montra da loja, vi os miúdos atravessarem a rua. Houve algo na união entre eles que me fez questionar se o mundo não seria completamente diferente do que eu imaginava.

— *Pancetta* — balbuciei, demasiado entretido a olhar pela montra para saber o que estava a dizer.

— Muito bem. Que quantidade?

Vi os miúdos saírem da Main Street, descerem a Banta e desaparecerem numa esquina.

...

...

— Ei, rapaz pequeno. Estás bem?

Não lhe respondi.

Em vez disso, saí a correr do Babushka's, sem *pancetta* nem presunto, praticamente arrancando a campainha da porta ao sair. Atravessei rapidamente a rua, meio assarapantado, desci a Main Street e dobrei a esquina em direção à Banta. O meu cérebro de rapaz pequeno continuava a processar as coisas, mas o meu coração estava a ir direito ao assunto.

MAD

Folhee uma página d'*Os Marginais* e, mais uma vez, desejei poder mergulhar no livro. Mergulhar na ficção: o maior quem-me-dera de todos os quem-me-deras.

— O *Häagen-Dazs* de café é bom — disse a Coco. — *Cookies and cream*, chocolate com amêndoas torradas e *marshmallow*, caramelo italiano com tira... Mad, que palavra é esta?

Ergui o olhar e vi a Coco de nariz encostado à fria vitrina de vidro, o cabelo frisado qual sol vermelho em torno do qual giravam milhares de litros de gelado.

— Tiramisu — repliquei. — É uma espécie de bolo macio. Só que não é bem um bolo, acho eu. Mas tem café e rum.

— ‘Tás a gozar — exclamou a Coco. — Rum, aquela coisa que os piratas bebem? Mas onde é que eu andei com a cabeça toda a minha vida para não saber o que é tiramisu? Oh, há *cookie dough*! É o teu favorito, não é, Zuz?

O Zuz fixou-se na embalagem de gelado como se olhando através dela e estalou os dedos com um «Pop!» que ecoou no corredor.

A Foodville na Banta funcionava ao mesmo ritmo que nós, num tipo de persistente monotonia. Os funcionários organizavam, reorganizavam e voltavam a organizar embalagens de cereais genéricos, de pickles refrigerados e de *noodles ramen*. Lavavam chãoos limpos, marcavam artigos já etiquetados e batiam o pé ao som de música ambiente de ritmos fracos; construíam pirâmides de latas de sopa e deambulavam perto dos queijos ralados, nos cantos onde as lâmpadas fluorescentes tremeluziam. E no centro da Foodville estávamos nós, na nossa pequena cidade, o corredor 11, a olhar para as os gelados e sobremesas congeladas como se esperássemos que fossem eles a escolher-nos a nós.

O Baz surgiu na esquina a empurrar um carrinho de compras meio cheio, debruçado sobre o mesmo qual mãe de quatro filhos completamente estoirada.

Todas as famílias têm a sua própria normalidade, mas há normalidades que parecem muito mais normais do que outras.

— Estava a ver que não — disse-lhe a Coco, olhando ansiosa para o gelado. — A Mad diz que o tiramisu é um bolo macio feito com rum a sério, como o que os piratas bebem. É mesmo? Diz a verdade.

— Não faço ideia. — O Baz tirou o boné dos Thunder e passou a mão pelo cabelo. Eu já tinha visto aquele gesto antes, sabia o que significava. Preparei-me para o vendaval de descontentamento por parte da Coco.

— Bem, vamos ter de experimentar *isto*, como é óbvio — disse a Coco, abrindo a porta da vitrina. — Mas vamos precisar de um segundo sabor, para o caso de o bolo macio saber a trampa.

— Lamento, Coconut² — disse o Baz. — Não vai acontecer.

² Em português, «Côco». [N. da T.]

Ela suspirou.

— Pronto, então vai só...

— Não. Não vai haver gelado. Hoje não.

A Coco virou-se de repente, e o seu cabelo ruivo emaranhado pareceu voar.

— Diz lá isso outra vez, por favor.

— Só recebo amanhã — explicou-lhe ele. — Como tal, estas são as compras de hoje. Temos de voltar amanhã de manhã para irmos buscar as coisas para o Gunther, por isso talvez nessa altura. Seja como for... está um gelo na rua.

— Mas no meu *estômago* não sinto gelo nenhum — respondeu-lhe a Coco, voltando-se novamente para a vitrina. Levou a mão à pega da porta, a sua voz ligeiramente mais elevada do que antes e carregada de uma pureza falsa. — Podia enfiá-lo dentro do casaco, Baz. Ninguém saberia de nada.

Não consegui evitar admirar que alguém tão pequeno tivesse um paleio tão grande. A questão era que a Coco não era só feita de pele e ossos; era também feita de sobrevivência e luta e uma lealdade feroz que não se encontrava em mais lado nenhum. Quando a Coco falava, por muito alto que fosse o seu timbre, quase se percebia um rugido abafado sublinhando cada palavra.

— Saberíamos *nós*, Coco — retorquiu o Baz. — Sabes bem qual é a minha regra.

Um estrondo soou atrás de nós.

Ao fundo do corredor, um miúdo encontrava-se especado no meio de centenas de latas de sopa, em tempos uma pirâmide perfeita e agora dispersas à volta dos seus pés qual zona de demolição.

— É ele — sussurrou a Coco. — O miúdo do Babushka's. Aquele com a mania de olhar fixamente para as pessoas.

A Coco tinha razão. Sem contar com aquele dia, já tinha visto aquele miúdo na cidade uma ou duas vezes. Tinha o cabelo comprido e oleoso e os olhos azuis e intensos, mas essas não eram as suas características mais marcantes. Trazia uma mochila às costas e usava calças de ganga e botas com atacadores, mas essas também não eram as suas características mais marcantes. A característica mais marcante era o seu rosto. Primeiro, não se mexia. Nem um sorriso nem um semblante carregado, não se percebia uma única reação ou emoção. À exceção dos seus olhos. Os seus olhos

eram luminosos e cheios de vida, mas não sei se teria reparado neles se não fosse pelo facto de naquele instante estarem fixos em mim.

Uma adolescente com uma rede no cabelo aproximou-se do escaparatizado na extremidade do corredor, onde antes as sopas tinham estado impecavelmente empilhadas.

— Mas que raio, meu? Eu tinha acabado de as... — Olhou para ele pela primeira vez e engoliu as palavras que viriam a seguir, em vez disso proferindo um débil «Ah».

Durante uma fração de segundo, ninguém disse nada. A funcionária com a rede no cabelo baixou-se e começou a apanhar as latas.

— É na boa, puto. São coisas que acontecem, não é?

O rapaz agarrou na sua mochila com força, lançou-me um último olhar, depois deu meia-volta e saiu a correr.

— Eu não te disse? — exclamou a Coco, voltando a sua atenção para o sistema solar de gelados à nossa frente. — O miúdo é mesmo esquisito, foga-se.

O Zuz deu um estalido com os dedos.

O Baz foi ajudar a apanhar as latas de sopa, e eu voltei a atenção para o meu livro, fingindo ler, fingindo que o azul daqueles olhos não era assim tão intenso, fingindo não estar a interrogar-me sobre o que a funcionária da Foodville estivera prestes a dizer ao rapaz, o que de certeza lhe teria dito, não fosse o rosto dele como era.

VIC

Sacudi a neve das botas e pousei-as junto à porta da entrada para secarem. Estavam dois estojos de guitarra pretos cobertos de emblemas do Batman e dos The Cure pousados no corredor em poses de grande verticalidade.

O Klint e o Kory estavam ali em casa. Os filhos de Frank, o Namorado.

Depois de ter deitado abaixo uma pirâmide de latas de sopa diante aquela que devia ser a rapariga mais bonita que eu alguma vez tinha visto (ou, se não a mais bonita, certamente a mais atraente e arrasadora), a presença de Frank, o Namorado — e dos respetivos filhos, que pareciam viver no seu próprio desenho animado do Tim Burton — era a última coisa de que precisava.

Isso deixou-me vertical. Deveras.

O Klint e o Kory não eram gémeos, mas quase ninguém conseguia distingui-los. Usavam o mesmo estilo de roupa gótica e tinham os dentes demasiado grandes para as suas cabeças. Eu gostava de imaginar que as raízes se tinham cravado bem fundo nos seus crânios, plantadas firmemente no espaço por norma reservado aos cérebros de tamanho normal. Tal como acontecera comigo, o Klint e o Kory tinham perdido um dos progenitores por causa de um cancro. Tal como *não* acontecera comigo, tinham-se aproveitado dessa perda para começarem a usar maquilhagem preta e criarem uma banda denominada Orquestra das Almas Perdidas. (Eu usei a minha perda para coisas mais sensatas, como por exemplo perceber com quanta força é preciso cravar um cartão de crédito na pele para esta começar a sangrar.) A minha mãe ofereceu-lhes a nossa cave como espaço para ensaios, e de repente passaram a ser presença regular na residência Benucci.

É como eu disse: deveras verticalizante.

Então estava a ouvir a minha mãe, na cozinha com o Frank, o Klint e o Kory. Uma família feliz. As vozes de família feliz deles soando como campainhas de famílias felizes vindas da nossa cozinha de família feliz.

Ding-dong-como-correu-o-teu-ding-dong-dia?

Pousei a mochila ao lado dos estojos das guitarras, pendurei o casaco e desci o corredor. A minha mãe, decidida a não desperdiçar mais um feriado, começara a cozinhar e a decorar logo após o Dia de Ação de Graças. Empadas, tartes, pães, bolos, pudins — «Tudo em nome do Natal», dissera a minha mãe, provavelmente umas cem vezes. Interroguei-me se talvez o Natal poderia ter outro nome este ano.

Mas enfim.

Era como era.

Também não podia censurá-la.

O último Natal fora complicado. O primeiro aniversário (mais ou menos) da morte do meu pai. Não houve luzes. Não houve tartes. Não houve árvore. Por isso, se nesse ano a minha mãe quisesse pendurar luzes em tudo o que era sítio, decorando os corredores da nossa casa como se fosse um elfo natalício tresloucado, por mim seria na boa. Havia, no entanto, uma peça de mobiliário que permanecia intocada pela alegria produtiva da minha mãe: a mesinha do átrio.

A mesinha do átrio não tinha nada de especial.

Porém, o que havia em cima da mesinha do átrio era uma coisa com importância tremenda, de tal maneira que eu mal conseguia passar por ela sem que os meus joelhos dessem de si.

Os meus pés descalços avançaram, aparentemente de livre e espontânea vontade, até eu estar perto o suficiente para a minha cintura quase roçar a mesinha — perto o suficiente para esticar a mão e tocar na urna do meu pai.

O meu telemóvel soou. Retirei-o do bolso e vi a nova mensagem da minha mãe.

Ond é k tás?

As vozes da família feliz ecoaram da cozinha. *Ding-dong-como-correu-o-teu-ding-dong-dia?* Pousei o telemóvel em cima da mesinha e estiquei a mão para a urna do meu pai, os dedos detendo-se a escassos centímetros.

Não poder fechar os olhos dificultava muitas coisas: dormir e pestanejar, especificamente. Contudo, as pessoas não tinham em conta o ato de *imaginar* nem quão frequentemente as pessoas fecham os olhos — não durante muito tempo, mais como um pestanejar demorado — quando imaginam um lugar ou uma coisa.

Era um verdadeiro problema para mim. Até o meu pai me ter ensinado a ir à Terra da Não-Existência. Disse-me que as pessoas fecham os olhos quando tentam visualizar algo, porque precisam de um sítio em branco como ponto de partida. Explicou-me o que via quando fechava os olhos, que não era propriamente escuridão nem negrume: somente não-existência. *E só num lugar de não-existência é que se pode encontrar existência*, Vic. Agora ele era a personificação da Não-Existência.

Agora estava num frasco.

Fui para a minha Terra da Não-Existência e imaginei como o meu pai costumava espreitar à porta do meu quarto na hora de dormir.

Ei, V. Precisas de alguma coisa?

Não, pai.

Está tudo bem?

Sim, pai.

OK. Boa noite.

Boa noite, pai.

A cena toda, como se ele fosse um grande chato.

De meias, na inconsciência daquele corredor escuro, com um braço esticado, deixei-me ficar preso entre a existência e a não-existência, interrogando-me quão possível seria que aquela urna perfeitamente banal irradiasse energia qual calor do deserto.

O meu pai tinha morrido há dois anos. E eu continuava a não conseguir tocar naquela coisa.

* * *

— Que refeição fantástica, Doris. — o Frank olhou para os filhos. — Ó rapazes, a comida está incrível, não está?

O Klint pigarreou.

— Podes crer, pai.

O Kory mastigou, riu-se entredentes e acenou com a cabeça.

— Como é que fazes estas — o Frank espetou as batatas com o garfo, aparentemente à procura das palavras — partes estaladiças... com as ervas adocicadas... Como é que consegues que fiquem tão...?

— Estaladiças e adocicadas? — perguntou-lhe a minha mãe.

O Frank deu uma risada, inclinou-se para a frente e beijou-a na face. Um braço mexeu-se debaixo da mesa na direção da minha mãe. Engasguei-me e por um milagre não morri na hora.

— Na verdade, não fiz nada às batatas — respondeu a minha mãe. — Mas terei todo o gosto em transmitir os teus elogios ao chefe da fábrica de batatas congeladas Ore-Ida. Tinha planeado fazer a minha mundialmente famosa lasanha, mas houve alguém que se esqueceu de comprar presunto.

Dito isso, olhou diretamente para mim.

— Pois — respondi-lhe, aclarando a garganta. — Desculpa lá.

Visualizei o rosto da Beleza Estoica e constatei que não estava arrependido, nem um bocadinho.

— Eu podia ter comprado presunto quando saí do tribunal, querida — disse o Frank, servindo-se de mais feijão-verde.

O Frank adorava falar sobre o tribunal. O tribunal isto, o tribunal aquilo. Falar sobre o tribunal fazia Frank, o Namorado sentir-se mais como Frank, o Cavalo de Corrida.

Na realidade, o Frank assemelhava-se mais a um caniche.

— Aliás — continuou o Frank —, liguei-te há pouco para saber se precisavas de alguma coisa, mas não atendeste. Teria deixado uma mensagem, mas...

— Eu sei, eu sei.

— Há *uma pessoa que conheço* que, por razões que me ultrapassam, se recusa a apagar o raio dos voicemails.

— Eu sei — respondeu-lhe a minha mãe, com um sorriso de orelha a orelha. — Vou fazê-lo esta noite. Está bem?

O Frank inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Ai *vais* fazê-lo esta noite, vais.

— Pai, que nojo — exclamou o Klint.

O Kory mastigou, simulou uma náusea e abanou a cabeça.

Bebi um trago do meu refrigerante, perguntando-me o que aconteceria se esticasse a mão por cima da mesa naquele preciso instante e desse um estalo ao Frank, o Namorado.

O Frank era tudo o que o meu pai não era: requintado, bem-sucedido a nível profissional, portador de uma farta cabeleira. A subtileza era algo que lhe escapava. Era um advogado que falava aos berros, comia feijão-verde e andava sempre de fato e gravata. Nunca o tinha visto *sem* que estivesse de fato e gravata. Adorava fatos, suponho. E talvez isso não fosse momentoso, apesar de me parecer, pois o meu pai era do género usar-calças-de-fato-de-treino-para-todo-o-lado.

E eu também era desse género.

— E então, rapazes — disse a minha mãe. — Como é que vai a banda?

— Oh — respondeu o Klint, olhando de imediato para o pai. — Hum. Vai bem, Sra. B. Hum... vai bem. Não é verdade, Kory? — Deu uma cotovelada ao irmão nas costelas. O Kory parou de mastigar por uns instantes, em vez disso concentrando-se em dar risadas abafadas e acenar com a cabeça.

O Frank serviu-se pela terceira vez de feijão-verde.

Eu sei lá. O homem gostava mesmo de feijão-verde.

— Que bom — respondeu a minha mãe. — Podiam tocar algo para nós em breve. Uma espécie de concerto. Não seria interessante, Vic?

Ergui o meu copo de rebordo fino favorito no ar num brinde sarcástico, bebi cuidadosamente o resto do refrigerante e pus-me de pé.

— Onde é que vais? — perguntou-me a minha mãe.

— Buscar mais sumo.

O Klint largou o garfo no prato, levantou-se e pegou no meu copo vazio.

— Eu trato disso. — Desapareceu na cozinha, deixando-nos a pensar no que raio acabara de acontecer. O Klint era muito pouco dado a gentilezas e ainda menos no que me dizia respeito.

A minha mãe irradiava alegria.

— Que simpático da parte dele.

— É um miúdo carinhoso — respondeu-lhe o Frank, a boca cheia de feijão-verde.

Fiz um inventário mental de venenos indetetáveis que pudessem existir na nossa cozinha, coisas que o Klint pudesse pôr na minha bebida. Um minuto depois, ele estava de volta, pousando um copo cheio à minha frente e tornando a sentar-se sem proferir palavra. A minha mãe continuava a falar, algo sobre quão feliz se sentia por ver que nos dávamos todos tão bem. Nem sequer lhe prestei atenção. Estava mais preocupado com o facto de o Klint ter trocado o meu copo inicial pelo copo de cerveja favorito do meu pai, aquele com o emblema dos Mets gravado na parte da frente. Tinha um rebordo grosso, o que fazia com que fosse quase impossível beber dele sem que o conteúdo escorresse pelo queixo abaixo.

— O Klint e o Kory têm uma relação especial — disse o Frank. — Principalmente por terem idades tão próximas. Até partilham a roupa e tudo.

Segurei o copo pela base, mas não o levantei da mesa.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou-me o Klint, um leve esgar despontando-lhe nos lábios.

O Kory mastigou, deu uma risada abafada e acenou com a cabeça.

O Klint e o Kory preferiam ser mauzinhos às escondidas a sê-lo às claras. Não faziam troça da minha cara da mesma maneira que os miúdos mauzinhos normais faziam. Tinham perfeita noção de que a dor, para ser duradoura, precisava de ser infligida na raiz.

— Em termos genéticos — disse o Frank, numa voz monótona —, o ADN entre irmãos é quase tão idêntico como entre filho e progenitor. — Comeu uma garfada de feijão-verde como se fosse um ponto final na sua frase.

— És um poço de conhecimento, Frank — replicou a minha mãe, ou sem reparar no copo do meu pai ou optando por não reparar.

Desde que as coisas entre a minha mãe e o Frank se tinham tornado mais sérias, a nossa relação passara a ser uma relação composta por poucos: poucas palavras, pouco contacto físico, poucos sentimentos. Uma grande parte da sua beleza gastara-se durante os Tempos Negros, mas ainda lhe restava uma quantidade razoável. O cabelo, tal como o sorriso, era luminoso e jovem; as rugas em torno dos olhos estavam mais profundas, mas que outra coisa seria de esperar? Entre o diagnóstico e o funeral, ela tinha

cuidado do meu pai dia e noite. As únicas coisas que tinham levado a minha mãe a sair de casa durante os Tempos Negros:

1. Comprar comida.
2. Aviar receitas.
3. Tratamentos.

Após o diagnóstico, o meu pai viveu mais 18 meses. Os médicos disseram que era raro. Disseram que ele era um lutador. Disseram que era um sortudo.

Eu disse-lhes que deveriam fazer um exame à cabeça, se achavam que o meu pai era um sortudo. Pelo menos tinha a minha mãe para cuidar dele. Durante um ano e meio, ela sacrificou a sua vida para proporcionar algum conforto ao meu pai no fim da vida dele. Não deveria eu sentir-me feliz por ela agora? Não seria ela merecedora disso? Não deveria eu receber Frank, o Namorado de braços abertos? A resposta era sim. A tudo. Ainda assim, uma parte de mim comparava constantemente todos os sacrifícios que ela tinha feito com o que recebera em troca.

— Também está presente na literatura — disse o Frank, como se tivesse ouvido a minha deixa. Comeu mais uma garfada de feijão-verde, e eu fiz um esforço tremendo para evitar perguntar-lhe se queria um segundo garfo, para a outra mão. — Senão vejam aquele romance russo sobre quatro irmãos — disse ele. — Como é que se chama...? Caramba, nunca me lembro do nome.

Olhei para a minha mãe, desafiando-a a estabelecer contacto visual comigo. *Olha para mim. Só uma vez esta noite, olha bem para mim. Só uma vez, deixemos a escrita abreviada e conversemos como costumávamos fazer.*

— Bem, agora não vou conseguir tirar isto da cabeça — continuou o Frank, que, de momento, parara de enfardar feijão-verde pela boca. — *Os Irmãos* qualquer coisa. É uma das obras mais conhecidas do Tolstói.

— *Karamazov* — respondi-lhe em surdina, ainda sem tirar os olhos da minha mãe.

O sorriso dela dissipou-se. Aos poucos, por fim, começou a olhar-me nos olhos. Por breves instantes a mesa de jantar desapareceu. O Frank, o Klint e o Kory: já não estavam lá. Estávamos apenas os dois, a habitar a mais triste casa de recordações felizes. Olhámo-nos fixamente até ela desviar o olhar. E, nesse instante, percebi que a tinha perdido.

Afastei o meu prato, penteei o cabelo para trás das orelhas e mexi-me no lugar.

— Frank, és um atrasado mental.

— Victor! — exclamou a minha mãe.

O Frank, momentaneamente desarmado, virou-se para ajudar o Klint, que de repente se engasgara na parte estaladiça da sua batata; o Kory mastigou, deu uma risada abafada e acenou com a cabeça.

A minha mãe pôs-se de pé, num gesto autoritário:

— Já para a cozinha!

Demorei-me a chegar lá, arrastando a cadeira de debaixo da mesa com mais força do que o necessário, transpondo a porta oscilante da cozinha atrás dela. Um fio de luzes de Natal encontrava-se aos pés do frigorífico, tendo a gravidade levado a melhor sobre a fita-cola já com três semanas. A bancada estava uma confusão de farinha, açúcar e ovos, vestígios do namorico recente entre a minha mãe e a arte de fazer bolos.

— Desembucha — ordenou-me, com os braços cruzados sobre o peito.

— Desembucho o quê?

— Aquilo foi uma *grande* falta de educação.

— Não tenho culpa de o teu namorado saber tudo sobre as semelhanças cromossómicas entre irmãos e, no entanto, achar que foi o Tolstói que escreveu *Os Irmãos Karamazov*, além de que estou certo de que fingiu ter-se esquecido do título para não ser obrigado a pronunciá-lo mal em voz alta.

— Querido... — disse ela.

— Se largasse as biografias do Churchill talvez pudesse dedicar algum tempo a...

— Victor.

— O que foi?

— Qual é a verdadeira questão aqui?

...

...

— A mestria literária de Fiódor Dostoiévski.

A minha mãe não se riu. Nem sequer entredentes.

— Não gostamos dos mesmos livros, Vic. Não se pode basear uma relação em preferências literárias.

Senti-me a tentar esboçar um sorriso, algo que às vezes acontecia. Era incrível — apesar de nunca o ter feito, nem uma única vez em toda a minha

vida, a *vontade* estava sempre lá. A minha mãe costumava dizer que percebia pelos meus olhos quando me ria. Dizia que ficavam diferentes. Dizia que compensavam a apatia do meu rosto.

— O que é que tem tanta graça? — perguntou-me.

Olhos traidores.

— Nada. — Cruzei os braços. — O que é que poderia ser?

Fiquei calado durante uns segundos. A minha mãe pousou a mão no meu ombro.

— Eu sei que é difícil. Isto não tem sido *Nada* tem sido fácil. Mas lembras-te da nossa conversa? Sobre seguirmos em frente com a nossa vida?

Engoli o nó na garganta ao mesmo tempo que ela me puxava para si. Lembrava-me, sim. Como é que poderia esquecer-me? Nos últimos tempos, ela só falava na importância de sararmos as feridas, de nos permitirmos tempo para mergulhar na piscina do luto e de sabermos reconhecer a altura de sairmos e nos secarmos.

Ao que parecia, a minha mãe já se tinha secado há algum tempo.

Já eu, estava a afundar-me qual pedregulho.

— O Frank faz-me feliz, meu amor — disse-me ela. — Ou pelo menos *não* triste. Gostava de me sentir assim mais vezes, percebes? E gostava de que tu também te sentisses assim. Talvez não em relação ao Frank, mas em relação a algo ou a alguém.

Imaginei novamente a pancada na porta do meu quarto. *Entra*, diria eu. Frank, o Namorado abriria a porta e espreitaria para o interior, com a sua cabeleira farta. *Ei, Vic. Precisas de alguma coisa?* E eu acenaria com a cabeça. *De que te atires de uma ponte, Frank.*

A minha mãe abraçou-me.

E aquilo pareceu-me uma espécie de última ceia. Pareceu-me um «Obg, amr».

Tentei retribuir o abraço, mas os meus braços permaneceram pendurados de lado como trepadeiras, desajeitados e demasiado compridos para o meu corpo.

— Ele trouxe-me o copo do pai — disse-lhe eu, em voz baixa.

— O quê?

— O Klint. Quando veio aqui buscar a minha *Coca-Cola*. — De repente sinto no abraço um constrangimento, uma hesitação que não estava presente segundos antes. — Trocou o meu copo e deu-me o do pai. Eles são terríveis, mãe. Odeiam-me.

...

...

— Eles não te odeiam. Só ainda não te conhecem bem.

Ainda.

É incrível como uma palavra tão pequena transforma por completo uma frase.

— Eu falo com o Frank em relação a isso — disse ela. — A propósito, debes-lhe um pedido de desculpa.

Acenei com a cabeça, e a minha mãe largou-me, afastando-se na direção da porta, na direção da sala de jantar, na direção da sua nova família, para longe de mim.

— Não é verdade, tu sabes — disse-lhe eu, fitando o fio de luzes de Natal caído no chão.

— O que é que não é verdade?

No preciso instante em que decidi não o dizer, as palavras saíram-me da boca:

— Tu e o pai gostavam dos mesmos livros.

Ver os seus olhos encherem-se de lágrimas proporcionou-me uma estranha sensação de alívio. Ele ainda era importante para ela. O que nós tínhamos tido ainda era importante. A minha mãe podia namoriscar e sorrir e fazer mil milhões de empadas, mas os seus olhos também a traíam. Disseram-me tudo o que precisava de saber. Fosse o que fosse aquela relação com o Frank, também *ela* sabia que nada tinha que ver com a que tivera com o meu pai.

Ela piscou os olhos para afastar as lágrimas, forçou um sorriso e abriu a porta que dava para a sala de jantar.

— Faz favor, querido.

Fiquei paralisado.

Especado a olhar para a sala de jantar.

Sinto-me deveras vertical.

— Vic? — perguntou a minha mãe, virando-se para olhar pela porta.
— O que é que...?

Na sala de jantar, o Klint e o Kory encontravam-se de pé em cima das respetivas cadeiras, cada um com uma guitarra pendurada à volta dos ombros.

— Dois! Três! Quatro! — gritou o Klint, a sua voz ainda mais áspera do que o normal.

Os Orquestra das Almas Perdidas irromperam numa canção com o entusiasmo característico das pessoas que não têm a mínima noção de que não sabem cantar. Foi um momento constrangedor, fatigante e desconfortável para toda a gente. O Frank permaneceu sentado na sua cadeira, fixado na minha mãe durante a cena toda, o seu rosto com uma expressão estranhamente embaraçada. Quando a canção chegou ao fim, disse:

— Eu percebo que isto não seja... bem, o *timing* ideal. — Os seus olhos viraram na minha direção. — Vic, espero que encares isto como uma prova do meu amor e da minha dedicação. Não só para com a tua mãe como também para contigo.

Antes de eu ter tempo de lhe perguntar o que era esse tal «isto», o Frank aclarou a garganta e afastou a cadeira. Fiquei à espera de que se pusesse de pé, mas isso não chegou a acontecer.

Frank, o Namorado pousou um joelho no chão.

Frank, o Namorado levou a mão ao bolso.

Frank, o Namorado sacou de um anel.

Frank, o Namorado queria passar a ser Frank, o Marido.

Frank, o Novo Pai.

A minha mãe levou as duas mãos à boca enquanto eu, impotente, observava a cena a desenrolar-se à minha frente.

— Doris Jacoby... — disse o Frank.

Observei discretamente a conspícua ausência do *Benucci*.

—... faz de mim o homem mais feliz do mundo.

Observei discretamente a minha mãe, que, curiosamente, ainda não tinha ido a correr porta fora e descido a rua a arrancar os cabelos, a rasgar a roupa do corpo, a gritar de angústia e dor... ou, no *mínimo* nos mínimos, a desatar-se a rir, a pegar na urna do meu pai do seu escuro e proeminente lugar no nosso átrio e a enfiá-la na cara do Frank, ao mesmo tempo que lhe dizia: *Já sou comprometida, palhaço!*

Ela ainda não tinha feito qualquer dessas coisas.

Curiosamente.

— Casa comigo — disse o Frank.

Alguém deu um grito.

Toda a gente olhou para mim.

O grito — que, na minha opinião, fora a coisa mais sensata a acontecer nos últimos dois ou três minutos — viera da minha própria garganta.

Ou das minhas tripas. Ou da minha boca. Ou de todos esses sítios ao mesmo tempo, aliás.

Tornei a gritar. Pareceu-me a coisa mais acertada a fazer.

E mais uma vez.

Sim, gritar a plenos pulmões era realmente muito sensato.

Nada de palavras. Somente gritos animalescos enquanto abandonava o meu próprio corpo.

Lá de cima, junto ao teto, vi o Vic sair da cozinha a correr. No átrio, ultrapassou a sua incapacidade para tocar na urna do pai ao simplesmente pegar nela. Sentiu o peso da urna nas suas mãos, incrivelmente pesada. *Não devia estar surpreendido*, pensou ele. *Estou a segurar a totalidade do meu pai, esse careca que pensava com o coração e me ensinou a ver beleza na assimetria, que me levou à Terra da Não-Existência, que me deu as sopranos em crescendo. Aliás, as cinzas deviam ser ainda mais pesadas!* O Vic enfiou a urna dentro da mochila, calçou as botas, vestiu o casaco e precipitou-se porta fora. Tinha de tirar o pai daquele lugar, para longe daqueles pavorosos *ding-dong-como-correu-o-teu-ding-dong-dia* e das restantes vozes da família feliz. Precisava de encontrar um sítio onde o seu pai, o maior e último Super Cavalinho de Corrida do mundo, pudesse descansar em paz.

E conhecia o sítio ideal.

MAD

Nascer no dia 31 de dezembro era sinónimo de vermos todas as pessoas do mundo a celebrarem no dia do nosso aniversário algo que não nós. A minha mãe nunca o encarara dessa maneira, contudo. Chamava-me a sua querida do Ano Novo, dizia que eu era especial, que estava destinada a grandes coisas. Era um pouco mais nova do que a maioria dos miúdos da minha turma — a minha mãe dizia que isso me dava vantagem. Terminaria os estudos mais cedo, descobriria o mundo antes deles e talvez discernisse essa grande coisa a que estava destinada.

Acendi o cigarro e desejei que ela estivesse ali agora.

Fuma.

Exala.

Calma.

A neve continuava a cair, o vento proveniente do rio continuava a soprar, e eu olhei fixamente para o submarino, pensando nas complicações do meu passado, mas, acima de tudo, questionando-me sobre o meu futuro. De então a três semanas, o feliz Ano Novo seria o meu feliz aniversário, e a liberdade dos 18 cairia sobre mim, com todas as honras e os benefícios subjacentes. Uma das vantagens seria a oportunidade legal de me livrar e à Jamma do punho de ferro do tio Les. Era um facto que podia ausentar-me durante vários dias sem que ele se apercebesse ou se importasse. Porém, tinha sempre de voltar. Apesar de a Jamma já raramente me reconhecer, eu voltava sempre. Pouco tempo antes, andara a pensar imenso no amor, em como este dependia não da pessoa que o recebia mas sim da pessoa que o dava. Não importava que a minha avó me reconhecesse ou não. Gostava demasiado dela para a deixar entregue ao tio Les.

Que viesse a liberdade dos 18, com todas as suas malditas honras e os seus benefícios.

O problema era que, independentemente de ter ou não 18 anos, não fazia ideia de aonde deveríamos ir nem como haveríamos de lá chegar. Não poderia escolher um sítio demasiado longe; a ideia de ficar separada do Baz, do Zuz e da Coco era quase tão difícil como a ideia de perder a Jamma.

Fuma.

Exala.

Calma.

Era costume meu considerar certas situações como se fossem conjuntos de um diagrama de Venn. Nesse caso em concreto, tratava-se de um diagrama de Venn muito merdoso, em que o conjunto $A = \{\text{Pessoa Que Sabe o Que Tem de Ser Feito}\}$ e o conjunto $B = \{\text{Pessoa Que Não Faz Ideia de Como Fazer o Que Tem de Ser Feito}\}$ e a interseção $= \{\text{Mad}\}$.

Apaguei o resto do cigarro, puxei o meu gorro de lã sobre as orelhas e soprei ar quente para as mãos. Havia algo no facto de me sentar junto ao *Ling* à noite que me ajudava a pensar, como se a alma e coração do submarino me fizessem companhia. A água escura de inverno ondeava ao mesmo tempo que os milhares de flocos de neve se dissolviam assim que tocavam no rio Hackensack. Não consegui evitar interrogar-me se aquela imagem seria igualmente bela durante o dia.

Quando estava prestes a levantar-me para regressar, ouvi passos atrás de mim.

O museu da marinha encontrava-se encerrado e, embora nunca tivesse tido chatices antes, não tinha a certeza de que me fosse permitido estar ali após a hora do fecho.

Ao fundo, cerca de 18 metros a jusante, apareceu alguém. Deixei-me ficar agachada, observando enquanto a figura se aproximava da vedação que separava a terra da água e enfiava uma mão por entre a rede metálica. Um segundo depois olhou em redor, e sob o luar nevoso vislumbrei um rosto familiar e inesquecível: o miúdo do Babushka's e da Foodville.

Ora bem: eu não acreditava em nenhum plano superior do cosmos. Não havia qualquer prova na minha mente que sugerisse que o destino intercedia nas nossas vidas qual semideus calamitoso, movendo seres humanos como se fossem peões num tabuleiro de xadrez. Como tal, talvez tenha sido a magia do *Ling* que me levou a querer falar com aquele miúdo, ou simplesmente o facto de até à data o ter visto se calhar umas três vezes e depois mais três *só nesse dia*, ou caramba, se calhar havia mesmo um semideus calamitoso a mover-me como se eu fosse um peão, mas, fosse qual fosse o caso, dei por mim a aproximar-me dele.

O Madifesto ditava: «Quando a ordem do cosmos prepara o tabuleiro, assume a posição de rainha.»

Encontrava-me a poucos metros agora, perto o suficiente para ver uns fones brancos aninhados dentro das orelhas dele. Ajoelhou-se no chão e tirou algo do interior da mochila, um pote ou um frasco qualquer, e depois debruçou-se sobre o mesmo.

— Espero que tenhas tido razão — sussurrou ele. — Espero que haja beleza na minha assimetria.

Poiiiiis.

— Não eras chato nenhum — continuou ele, as suas palavras soando cada vez mais alto no silêncio frio e nevoso. — Eras o *Northern Dancer*, o semental do século, o superíssimo dos cavalos de corrida.

Sem dúvida alguma este era um dos monólogos mais bizarros que eu já tinha ouvido, e isso era um feito e peras, tendo em conta que morava com a Coco.

Vi-o puxar uma fita e abrir a tampa do pote. O corpo dele pareceu esvaziar-se, como se tudo o que tivesse conduzido àquele instante estivesse cheio de ar, energia, expectativa — e agora... já não.

Virei-me rapidamente, silenciosamente, subitamente sentindo que não devia estar ali. E depois...

— Ei.

Fiquei paralisada.

Virei-me para trás.

— Ei.

O miúdo levantou-se desajeitadamente da neve.

— O que é que tu estás aqui a fazer?

Pareceu-me uma primeira pergunta muito estranha. «O que é que tu estás aqui a fazer?» pressupõe que a pessoa que faz a pergunta conhece esse «tu»; em oposição a «Quem és tu?».

— Gosto de vir para aqui à noite — respondi-lhe. Como se isso não fosse estranho.

Ele deixou escapar um «Ah», como se de facto não fosse estranho, e depois baixou-se, pôs a tampa no pote e enfiou-o dentro da mochila.

— E tu, o que estás aqui a fazer? — perguntei-lhe, a tremer de frio.

O miúdo tirou um lenço do bolso e limpou a boca.

— Ainda não posso ir para casa — retorquiu.

Nem eu. Acenei com a cabeça, afastei o cabelo do rosto e recordei as suas palavras, proferidas sem saber que eu estava à escuta. *Espero que haja beleza na minha assimetria.* Talvez fosse isso mesmo: uma ligeira assimetria, em conjunto com um congelamento total das feições. Não era feio e também não era desagradável. Antes pelo contrário, aliás. O seu rosto era completamente único. E eu não consegui evitar sentir-me algo curiosa.

Saquei do maço de tabaco e ofereci-lhe um cigarro, mas ele recusou-o. Acendi o meu.

Fuma.

Exala.

Calma.

— Quer dizer... não sei para onde ir — disse-me ele. — Mas não posso ir para casa.

— Está bem.

— É uma longa história.

— Também tenho uma assim.

Fuma.

Exala.

Calma.

Observei o meu fumo no ar frio da noite.

— Mas talvez conheça um sítio.

* * *

Na verdade, eu devia estar morta.

Essa frase vivia praticamente na ponta da minha língua. Em especial na presença de estranhos, o que fazia sentido, tendo em conta que não se tem a mesma ligação com um estranho que, por exemplo, com um familiar ou um amigo próximo. Talvez por isso é que tantas pessoas acabam por deixar os respetivos cônjuges em favor de estranhos que conhecem online. Não custa nada contar quase tudo a um estranho.

— É assim — disse eu, virando para a Mercer. — Não te vou perguntar o nome e também não te vou perguntar por que razão não podes ir para casa esta noite. Nem sequer te vou perguntar o que está dentro desse pote.

— Está bem.

— Mas vou perguntar-te sobre o *Northern Dancer*, o supremo cavalo de corrida e isso.

— Super — retorquiu ele.

— Ainda bem.

— Espera lá, o quê?

— O quê, o quê?

— Não, eu não quis dizer... — Ele abanou a cabeça, voltou a puxar do lenço e limpou a boca. — O que eu quis dizer é que não é supremo cavalo de corrida. É *super* cavalo de corrida.

— Ah, está bem.

— O meu pai dizia-se um entusiasta do desporto equestre. Ou seja, era obcecado pelas corridas de cavalos. Nem sequer fazia apostas, apenas adorava o desporto em si. A certa altura, começou a interessar-se pelos cavalos e pelas respetivas linhagens, etc. Por exemplo, ele sabia quais eram os cavalos mais velozes e quais tinham sido os seus sementais e as suas parideiras.

— Sementais e parideiras?

— Os pais e as mães. Ele levou-me a uma quinta, uma vez, a cerca de uma hora daqui. O que eles faziam era pegar em cavalos que são demasiado velhos para correr, ou que estão lesionados, e punham-nos lá, na esperança de conseguirem *produzir* um cavalo de corrida superior. Ou então há sítios que, hum, recolhem o *material* do cavalo semental e depois, hum, o injetam dentro da... parideira.

— Que nojo.

Ele acenou com a cabeça e mudou a mochila de posição enquanto íamos caminhando.

— O meu pai consertava uma torneira que estava a pingar, ou ganhava um jogo de tabuleiro, ou acertava numa pergunta de um concurso televisivo, e depois intitulava-se Super Cavalo de Corrida. Seja como for, e respondendo à tua pergunta, o *Northern Dancer* foi pai de alguns dos melhores cavalos de corrida de sempre.

Quando virámos à direita na State Street, passando pela esquadra da polícia à nossa esquerda, reparei que se referia ao pai no pretérito. Não fiz qualquer comentário, no entanto. Também não me apetecia muito falar sobre os meus pretéritos.

— É assim — disse ele. — Não te vou perguntar o nome e também não te vou perguntar o que estavas a fazer sozinha à noite junto ao rio. Nem sequer te vou perguntar sobre os miúdos com quem costumo ver-te. Mas vou-te perguntar sobre o teu semental e a tua parideira.

— Não tenho — repliquei.

— Eu quis dizer os teus pais.

— Eu sei o que quiseste dizer.

Lá se ia aquilo de não falar de pretéritos.

— Quer dizer que os outros miúdos com quem andas sempre...?

— Aqueles sobre quem não me ias perguntar nada? — Esbocei-lhe um sorriso meio de lado. — É na boa, meu. É como se fossem a minha família. Somos uns indesejáveis, por isso desejamo-nos uns aos outros. — Já só estávamos a dois ou três minutos de distância; teria sido fácil deixar a conversa ficar por ali. Mas não o fiz. Soprei para as mãos, para as aquecer, e depois continuei. — Muito bem, contaste-me uma história sobre o teu pai, por isso vou contar-te uma sobre a minha mãe. Ela tinha um cartaz emoldurado cheio de frases inspiradoras todas profundas, que tinha encomendado num site igualmente profundo e pendurado no nosso átrio. Fez dele o seu manifesto pessoal. «Começa a fazer coisas de que gostes.» «Todas as emoções são belas.» «Quando comeres, dá graças por cada pedaço.» Esse tipo de merdas. Eu costumava chegar da escola e deparar-me com a minha mãe espçada no átrio completamente sozinha, a ler aquela coisa em voz alta. — Atravessámos a Banta e percorremos mais um quarteirão até à Salem. — Pelo que comecei a recitá-los também. Chegou ao ponto de os ter memorizado, e quando estava deitada na cama, à noite, fitava o teto e deixava-me levar pela coisa, ‘tás a ver? Achava que, se a minha

mãe acreditava tanto no seu manifesto, ele tinha de ter algo de especial. Então, certo dia, estamos todos no carro a caminho do centro comercial, e um condutor embriagado choca de frente connosco, e mata os meus pais. Na verdade, eu devia estar morta. — Lá estava ela, a tal frase, em todo o seu esplendor, oficialmente despachada. — Mas só fiquei com isto. — Levantei o gorro por cima da orelha e aponte para a cicatriz na lateral da minha cabeça. Tinha essa zona rapada precisamente para aquele tipo de ocasião, para mostrar que não estava a escondê-la nem sentia vergonha dela, que não tinha medo de quem era nem de onde vinha. A minha cicatriz era um ferimento de guerra, a minha prova viva da vitória. — Pronto. O manifesto da minha mãe era uma bela treta.

Fiquei-me por aí, apesar de não estar minimamente perto do fim. Não lhe contei sobre o meu Manifesto, a antítese do profundo cartaz da minha mãe, uma bandeira sob a qual eu marchava orgulhosa, uma que apelava à independência, à autossuficiência e ao esforço incessante para sobreviver.

Fosse ele um estranho ou não, essas coisas eram só para mim.

Entre a Banta e a Salem, virei para um pequeno beco conhecido em toda a cidade como o Escoadouro. Conhecido pelas rugas de droga e assaltos, o Escoadouro uma rua estreita que ligava a Main à State Street, era chamado assim pela total ausência de janelas. Era como se os arquitetos simplesmente se tivessem esquecido de as desenhar nas plantas. Havia algumas portas — saídas para as lojas poderem despejar o seu lixo e afins —, mas estavam todas trancadas por dentro. Sem janelas, e com tão pouca visibilidade de rua, tornara-se um verdadeiro antro para todo o tipo de criminosos.

Aproximei-me de uma das portas trancadas.

— Chegámos.

VIC

— O quê? *Aqui?*

A Beleza Estoica tirou uma chave do bolso de trás.

— Oh, por favor — respondeu-me ela. — Não desejo uma noite no Escoadouro nem ao meu pior inimigo. Não, ficas lá dentro.

Estava escuro na rua, com uma única luz, proveniente de um candeeiro distante, refletida na neve. Enfie a mão no bolso para me servir da

lanterna do telemóvel e lembrei-me de que o tinha deixado em casa. Enquanto ela se debatia com a fechadura, fingi observá-la a fazê-lo.

O que eu estava realmente a observar:

1. O seu cabelo amarelo, que emergia por baixo do gorro qual sol derramado.
2. As suas faces pálidas, ruborizadas do frio.
3. O contorno dos seus ombros sob o casaco.
4. O contorno da sua cintura sob o casaco.
5. O contorno do seu rabo sob o casaco.
6. As suas pernas.
7. Os seus *Nike* gatafunhados.

Eu estava uma lástima.

— Não é o Hilton — disse ela, abrindo a porta e acendendo a luz.
— Mas é mais quente do que dormir junto ao rio, se isso ajuda alguma coisa, e olha que devia.

Inspirei o fedor da divisão ao entrarmos. Não era nenhum mistério o facto de a divisão ter aquele cheiro, intenso, sólido e putrefacto. Seis carcaças de suíno pendiam do teto como *piñatas* usadas. No chão, pequenas poças de sangue coagulado formavam pequenos reservatórios vermelhos. Era tudo bastante nojento. Puxei o colarinho da camisa para cima do nariz.

— Isto *com certeza* vai contra qualquer espécie de regulamento do FDA³.

— Ah, pois vai — respondeu-me a Beleza Estoica, tornando a enfiar a chave no bolso. — É limpo antes das inspeções, mas depois volta a... Bem, ao que vês aqui. Mas é como te disse. Hipotermia *nem vê-la*. Portanto, tu percebes. É só vantagens.

Além dos porcos mortos pendurados, a sala tinha um fogão industrial, uma máquina de lavar louça e uma imensa secretária com papéis e notas de encomenda espalhadas sobre a mesma.

— E pronto — disse ela, virando-se para a porta. — Voltamos amanhã de manhã.

— Voltamos?

³ Federal Department of Agriculture. Neste caso, o equivalente português seria a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE). [N. do E.]

— Não te preocupes. O Norm só aparece para trabalhar a meio da manhã.

De repente, fez-se luz:

— Isto são as traseiras do Babushka's.

A Beleza Estoica acenou com a cabeça:

— Dorme bem.

— Espera.

Eu tinha muitas perguntas para lhe fazer. O género de perguntas que estavam a massacrar-me o cérebro. Comecei pela que me parecia ser a mais importante.

— Como é que te chamas?

...

— Isso é contra as regras — respondeu-me ela.

— Quais regras? Não havia regras nenhuma.

— As regras do interrogatório. As regras que estabelecemos durante a conversa anterior.

Não conseguia perceber se ela estava a brincar ou não. Se estava, era a coisa mais adorável que alguma vez tinha visto. Se não estava... olha, era adorável na mesma.

— Sou a Madeline. Mas tratam-me por Mad.

Tirou um maço de tabaco do bolso de trás e acendeu um cigarro.

— Eu sou o Vic — retorqui. *É isso mesmo. Continua.* — As pessoas tratam-me por Vic, quero eu dizer. — *Pronto, agora chega.* — Ou seja, o meu nome é Victor. — *Sim, já chega.* — Mas, hum, ninguém me trata por Victor. — *Abortar missão! Abortar missão!* — Sim, Vic é quanto basta.

Estava rapidamente a tornar-me um ás na arte de fazer figura de parvo. Depois, porém, milagres dos milagres: a Mad esboçou um leve sorriso.

E eu morri um bocadinho.

E ela foi-se embora.

* * *

Os porcos abatidos do alegado membro do KGB deixavam escapar um autêntico exército de fedor.

Não tirei o casaco nem as botas, enfiei a mochila debaixo da secretária de metal e esgueirei-me para debaixo da mesma. No mundo das traseiras de talhos, o canto mais afastado das carcaças de suínos gotejantes

equivalia a uma propriedade de luxo. Mais apertado do que propriamente confortável, tirei quatro coisas do interior da minha mochila:

1. O meu *Visine*, que são gotas para os olhos, que apliquei e voltei a guardar.
2. Os meus fones, que inseri nos ouvidos.
3. O meu *iPod*, que liguei, ao qual aumentei o volume e onde pus a tocar *The Flower Duet*.
4. O meu pai. Dentro de uma urna.

Estava capaz de me bater por ter deixado o telemóvel em casa, apesar de não saber bem a quem ligaria nem por que motivo exatamente. Haveria um certo conforto em saber que poderia ser contactado com um simples telefonema, ainda para mais atendendo à minha localização atual. Saíra à pressa, contudo — segundo o relógio do meu *iPod*, há menos de uma hora, o que me parecia inacreditável —, apenas com uma ideia em mente: tirar o meu pai daquela casa. Isso transformou-se numa imagem altamente shakespeariana, comigo a lançar os seus restos mortais no rio Hackensack, onde ele ficaria a descansar com o *Ling* para todo o sempre, poupando-o a quaisquer acontecimentos catastróficos que decerto iriam ter lugar nos meses (e anos?) seguintes no contexto dos trágicos remanescentes da residência Benucci. Depois, no entanto, nas margens do rio, com as sopranos em crescendo na minha cabeça, abri a urna. E vi coisas que não estava nada à espera de ver.

Considerem o seguinte: entre os mil milhões de pessoas na Terra, há uma com quem nos preocupamos, com quem moramos e que amamos; essa pessoa morre e é queimada em mil milhões de pedaços microscópicos; esses mil milhões de pedaços são colocados dentro de um recetáculo. Mil milhões para um, um para mil milhões, mil milhões para um. Às vezes penso que o amor está associado aos números.

Então, nas sombras das carcaças suínas dependuradas, fitei a urna do meu pai, arranquei a fita, levantei a tampa e fui para a minha Terra da Não-Existência

Olá, pai. Precisas de alguma coisa aí dentro?
Não, V, responderiam as cinzas do meu pai.
Está tudo bem?
Sim, V.

Então está bem. Boa noite.

Boa noite, V.

Tanto quanto sabia, as urnas normais continham apenas cinzas, nada mais. Segundo esses padrões, aquela não era uma urna normal. Porque: além das cinzas, a urna do meu pai continha um saco com fecho, e dentro desse saco havia uma fotografia. Uma *Polaroid* antiga dos meus pais, com um ar saudável, ambicioso, jovem. Estavam algures num sítio alto, no cimo de um arranha-céus, a linha do horizonte nova-iorquino atrás deles. A Jovem Doris a sorrir para a objetiva. O Jovem Bruno a sorrir para a Jovem Doris.

Jovens Pais juvenilmente apaixonados.

Era o tipo de felicidade de que eu mal me lembrava, do género que parecia desconhecido e distante, como Singapura. Eu sabia que as pessoas viajavam para Singapura e que muita gente morava lá. Já tinha visto Singapura em mapas, em globos e na televisão. Fora preciso tudo isso para consolidar a existência de Singapura, apesar de nunca lá ter estado e não fazer a mínima ideia de como lá chegar.

Aquela felicidade era como Singapura.

Além da fotografia, havia uma coisa que diferenciava aquela urna de todas as outras. Um envelope aberto e em branco. Não tinha morada, nem qualquer tipo de marcas. Do seu interior retirei uma única folha de papel, desdobrei-a e li-a...

Minha Doris:

Não me parece justo que as únicas pessoas de quem se espera bilhetes sejam as que tomam a decisão de pôr um termo às coisas. Eu não escolhi morrer; a morte foi-me imposta. Como tal, encara isto como o meu Bilhete Terminal.

Acho que a maior parte das pessoas só tem capacidade para um Grande Feito durante toda a vida. Desde que eu e tu saltámos para dentro daquela piscina completamente vestidos (na casa da Emily Edwards, no 11.º ano, tu já tinhas bebido uns copos; eu sei que te lembras, apesar de dizeres sempre que não) e até há cinco minutos, quando me beijaste a testa, prometeste trazer-me o Vic no sábado

e depois, bem ao estilo da Doris, tropegaste a caminho da porta (pensavas que não tinha visto, mas vi) — e todos os momentos reais e imperfeitos que aconteceram pelo meio —, tu foste o meu Grande Feito.

Tantas recordações.

Quando finalmente leres isto, terão acontecido mais? Estarás a sorrir neste preciso instante, recordando algo engraçado ou constrangedor ou triste que tenha acontecido entre teres tropeçado à porta do meu quarto de hospital e a minha morte? Espero que sim. Sinceramente. Mas sinto-o, Doris. Sinto que está a chegar. Não tenho medo. Posso ansiar por mais tempo, por mais recordações, mas não me arrependo de nada. Tu e o Victor são o meu Norte, o meu Sul, o meu Leste e o meu Oeste. São o meu Todos os Sentidos.

Como é que alguma vez poderia perder-me?

Tu conheces os sítios desta lista. Leva-me lá, pode ser?

Até sermos velhos-novos.

R.

1. Pendura-me do Estúdio
2. Lança-me dos Palisades
3. Sepulta-me nos tijolos fumegantes do nosso primeiro beijo
4. Afoga-me no nosso pogo dos desejos
5. Larga-me do topo da nossa rocha

As sopranos em crescendo invadiram a minha cabeça, e eu percebi o que tinha de ser feito.

E não regressaria a casa até o ter terminado.

O VICTOR BENUCCI E A MADELINE FALCO TÊM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR.

Começa com a morte do pai do Vic, acaba com o homicídio do tio da Mad... mas não é assim tão simples.

Eles vão ter de percorrer New Jersey e a ilha de Manhattan à procura de uma série de lugares especiais, para cumprirem a missão que o pai do Vic deixou antes de partir. Com a ajuda de Baz, Zuz e Coco, os dois vão ter de enfrentar os seus demónios, alguns deles bem reais, e descobrir a melhor maneira de existir num mundo em que não encaixam. Esta história é tudo isso. Mas não chega.

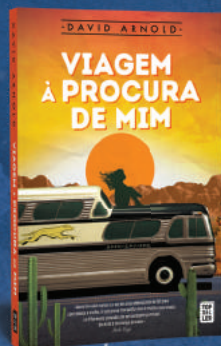
É uma história sobre:

1. Um submarino dormente.
2. Duas canções sobre flores.
3. Ser fixe de uma maneira tradicional.
4. Pores-do-sol & gelados & pomares & cemitérios.
5. Extremos opostos simultâneos.
6. Escapar por pouco de um país em guerra.
7. Como ouvir alguém que não fala.
8. Apaixonar-se por um quadro.
9. Apaixonar-se por uma canção.
10. Apaixonar-se.

«Arnold oferece uma história autêntica que combina a ferocidade com a individualidade, primeiros amores com perdas e beleza com assimetria. Um encanto.»

Booklist

Leia também,
um dos melhores
livros de 2015:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20120 editora

ISBN 978-989-8849-76-2



9 789898 849762

Literatura Traduzida